



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

LUCAS DE LIMA OLIVEIRA

A JORNADA DO HERÓI NO CORDEL *A PEDRA DO MEIO-DIA OU ARTUR E ISADORA*, DE BRÁULIO TAVARES

**GUARABIRA
2024**

LUCAS DE LIMA OLIVEIRA

A JORNADA DO HERÓI NO CORDEL *A PEDRA DO MEIO-DIA OU ARTUR E ISADORA*, DE BRÁULIO TAVARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosangela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48j Oliveira, Lucas de Lima.
A jornada do herói no cordel "A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora", de Bráulio Tavares [manuscrito] / Lucas de Lima Oliveira. - 2024.
42 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras - CH".

1. Jornada do herói. 2. Cordel brasileiro. 3. Bráulio Tavares.
I. Título

21. ed. CDD 398

LUCAS DE LIMA OLIVEIRA

**A JORNADA DO HERÓI NO CORDEL A PEDRA DO MEIO-DIA OU ARTUR E
ISADORA, DE BRÁULIO TAVARES**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em: 19/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Olavo Barreto de Souza

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Anilda Costa Alves

Profa. Dra. Anilda Costa Alves (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, autor da vida, por ter sido o meu abrigo nas horas incertas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Quando se chega no fim de uma longa jornada podemos analisar o trajeto da estrada vejo que neste caminho nunca estive sozinho durante a caminhada.

Por isso, ao encerrar a minha graduação quero poder expressar toda minha gratidão começo louvando a Deus pois guiou os passos meus com a sua proteção.

Depois Dele, agradeço aquela que me doou os meus ossos, minha carne e muito se dedicou para cuidar bem de mim amor de mãe é sem fim por ela, aqui estou.

Clara, a minha namorada, que esteve ao meu lado a ela, eu agradeço pelo carinho doado o apoio e atenção paciência e mansidão pelos conselhos me dado.

A professora Rosângela por todo ensinamento expresso de coração o meu agradecimento foi a minha professora amiga, orientadora em todo e qualquer momento.

Ao mestre Paulo Gracino senhor de muita história por ter me orientado em toda a trajetória do cordel e do estudo obrigado, sobretudo por esta grande vitória.

A José Paulo Ribeiro por ter possibilitado um grande acervo seu e os livros ter me emprestado mas também eu agradeço de fato, que não esqueço cada conselho falado.

Grato a padre Luís com quem eu compartilhei momentos de desafios e muito nele encontrei prudência e sabedoria ele foi como um guia nos caminhos que trilhei.

Ao professor Rafael por ter me compartilhado algumas ideias suas sobre o tema abordado que serviu de inspiração sendo assim, registro, então o meu muito obrigado.

Aos meus amigos e amigas e a cada professor que tive na minha vida transmitiram-me o amor e apreço ao conhecimento por isso, neste momento exalto o educador.

A Karla, Anilda e Fátima cada mestre(a) e doutor(a) a Lara, Valones e Olavo, fui monitor desses doutores queridos pelos apoios tidos de cada um professor.

A William e a Juarez Paulo Ávila, e por fim não por menos importante quero terminar assim a banca eu agradeço e demonstro meu apreço por avaliar a mim.

“Se há uma ação que faça de alguém um ‘verdadeiro’ herói, no sentido mais construtivo, é justamente a descida em direção ao insólito reino das trevas e da morte. O encontro com a própria incorporeidade, dependência e impotência, com a finitude da nossa existência, pode nos transformar de maneira tão fundamental como nenhuma outra experiência.”

Lutz Müller

RESUMO

O herói é uma categoria de análise importante para os estudos literários. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo geral analisar a figura do herói e da heroína no cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*, do escritor paraibano Bráulio Tavares. Para isso, os objetivos específicos foram apresentar a vinda do herói e da heroína para o cordel brasileiro, identificar como eles aparecem na produção desse autor e analisar como a jornada do herói, divulgada em 1949 pelo antropólogo norte-americano Joseph Campbell, pode ser evidenciada nesse cordel. A pesquisa justificou-se em se pensar o herói na contemporaneidade e se ainda é possível referenciá-lo. Dessa forma, o embasamento teórico inclui estudos de Abreu (1993 e 1999) e Haurélio (2017) sobre a discussão acerca da chegada do cordel ao Brasil e a forma como ele se (re)inventou na região do Nordeste brasileiro, mostrando que tanto o herói quanto a heroína estavam presentes e perpassaram da literatura de cordel portuguesa para o Brasil; Luciano (2012) que discute a origem da literatura de cordel no Brasil, além de ressaltar a marginalização que o gênero enfrenta e o preconceito referente aos seus primeiros escritores; Müller (2017) e Campbell (2007) sobre a figura do herói e sua jornada de reconhecimento. A metodologia foi de caráter bibliográfico e analítico, apresentando uma breve análise da jornada no herói no cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*, no qual encontramos os mesmos passos que todo protagonista trilha para tornar-se um herói.

Palavras-Chave: Jornada do herói; Cordel brasileiro; Bráulio Tavares.

ABSTRACT

The hero is an important category of analysis for literary studies. In this sense, the general objective of this research is to analyze the role of the hero and heroine in the cordel *A Pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*, by writer Bráulio Tavares. For this, the specific objectives were to present the arrival of the hero and heroine to Brazilian cordel, identify how they appear in this author's production and analyze how hero's journey, according study published in 1949 by the North American anthropologist Joseph Campbell, can be evidenced in this string. The research was justified in thinking about the hero in contemporary times and whether it is still possible to reference him. Thus, the theoretical basis includes studies by Abreu (1993 and 1999) and Haurélio (2017) on the discussion surrounding the arrival of cordel in Brazil and the way in which it (re)invented itself in the Brazilian Northeast region, showing that both the hero and heroine were present and passed from Portuguese cordel literature to Brazil; Luciano (2012) who discusses the origin of cordel literature in Brazil, in addition to highlighting the marginalization that the genre faces and the prejudice regarding its first writers; Müller (2017) and Campbell (2007) about the figure of the hero and his journey of recognition. The methodology was bibliographical and analytical, presenting a brief analysis of the hero's journey in the cordel *A Pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*, in which we find the same steps that every protagonist takes to become a hero.

Keywords: Hero's Journey; Brazilian cordel; Braulio Tavares.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto de Bráulio Tavares.....	23
Figura 2 – A mandala do herói	26
Figura 3 – Imagem do Cordel <i>A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora</i>	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ONDE ESTÁ O HERÓI NA LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA (?)	13
2.1 Está na mala dos colonizadores	14
2.2 Está na apropriação cultural	16
2.3 Está na classificação temática	19
2.4 Está entre os populares	21
3 QUEM É O HERÓI NA PRODUÇÃO POÉTICA DE BRÁULIO TAVARES (?)	23
3.1 Seria o poeta autor (?)	23
4 A JORNADA DO HERÓI EM A PEDRA DO MEIO-DIA OU ARTUR E ISADORA	26
4.1 O chamado tira o herói da vida comum	27
4.2 A recusa do chamado e o auxílio do mentor	29
4.3 Em direção ao desafio se deparam com as provações, inimigos e a ave aliada	30
4.4 A última batalha.....	35
4.5 O herói coroado pela vitória	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6 REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel fez um grande diferencial na minha vida tanto acadêmica quanto pessoal. Durante a graduação, até pensei em pesquisar sobre outras literaturas, porém era como se estivesse traindo um grande amigo. Recordo que estava aprendendo a ler e vi em meu livro didático uma imagem interessante de Lampião e uns soldados. Aquilo me chamou a atenção, vi que a escrita era em versos e comecei a ler, confesso que foi uma das leituras mais prazerosas que tive na infância.

Anos passaram e eu estava no 9º ano do Ensino Fundamental, quase reprovando em Português, mas a professora teve que se afastar por causa da sua gestação e veio outra para assumir a disciplina. Percebendo a dificuldade da turma, pois as avaliações foram feitas, exclusivamente, com os assuntos da gramática normativa, ela quis mudar o método avaliativo. Pediu que trabalhássemos poemas de qualquer tema e fizéssemos uma paródia do poema que escolhêssemos, pois, com base nisso, trabalharia a gramática.

Nesse momento, lembrei-me daquela leitura que fiz de estrofes de cordel, mas não encontrei o livro e perguntei à professora se eu mesmo podia escrever algo. Ela respondeu que se eu conseguisse, estava tudo bem. Para a nossa surpresa, descobri que levava jeito para a escrita de versos, minha apresentação obteve nota máxima e não reprovei. Hoje sou cordelista e tenho alguns cordéis publicados. Por isso, no meu último trabalho de graduação, não poderia falar de outra coisa.

Além disso, uma das coisas que mais me chamava a atenção eram as pessoas que diziam ter vencido na vida por meio do estudo com muito esforço e muita dedicação para alcançar seus objetivos. Sendo assim, busquei encontrar um jeito de falar de algo semelhante, através da figura do herói no cordel, tomando como exemplo, alguns ensinamentos de Luiz Müller (2017), que falaremos adiante, quando refletiremos sobre a construção da figura do herói.

O herói parece ser um modelo para o ser humano, um objeto de inspiração e motivação, por isso falar dele causa muita aceitação. No cordel não é e nem foi diferente, versar o herói sempre foi uma escrita certa dos poetas de

bancadas¹. Tanto que cordéis como *A donzela Teodora* e *A história do herói João de Calais*, foram as narrativas que mais conquistaram a atenção e a emoção dos leitores e ouvintes do Nordeste afora, como nos mostra Alves (2021).

Para Campbell, “o herói ou heroína, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (Campbell, 2007, p. 13). O dicionário Aurélio (2001, p. 362) define o herói como “1. Homem extraordinário pelos feitos guerreiros, valor ou magnanimidade. 2. protagonista de obra literária”. O objetivo desta pesquisa é mostrar como a figura do herói e da heroína estão presentes na literatura de cordel, especificamente no cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora* de Bráulio Tavares. Mostraremos também que nessa narrativa encontramos a jornada do herói, termo definido pelo antropólogo norte-americano Joseph Campbell.

Tendo em vista a importância dos estudos que apontam a figura do herói nas diversas narrativas, este trabalho também se faz necessário para discutirmos como o herói e a heroína estão presentes em variáveis narrativas de cordel e as possíveis justificativas deles serem os protagonistas de muitos enredos. A problemática dessa pesquisa é: seria possível referenciar o herói na contemporaneidade, sobretudo, no cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*?

A metodologia que adotamos consiste em pesquisas bibliográficas, embasadas nos estudos de Campbell (2007), que fala da figura do herói presente em todos os lugares do mundo e o caminho que o herói percorre, denominado de Jornada do herói; Müller (2017) afirma que todos nascemos para ser heróis e este personagem nos representa, por isso, nos identificamos com ele. Em Abreu (1993 e 1999), veremos como a figura do herói está presente no cordel e a origem do cordel brasileiro, assim como em Luciano (2012) e Haurélio (2016) além de outros textos, como artigos e teses. Faremos também uma breve análise sobre a Jornada do herói em *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*. Ressaltamos também que esta pesquisa é pioneira nessa temática na UEPB (Campus III).

Dessa forma, estruturamos o trabalho da seguinte maneira: inicialmente, falaremos sobre a vinda do herói europeu para o cordel brasileiro. Em seguida, na primeira seção, discutiremos sobre alguns cordéis que vieram na mala do colonizador português para o Brasil tendo presentes a figura do herói e da heroína; a

¹ Nome atribuído ao cordelista que escrevia seus versos podendo reescrever, diferente do poeta repentista que cantavam sua poesia no improviso para o público.

apropriação cultural que teve o herói no cordel brasileiro; algumas tentativas de classificação temática do cordel; a popularização que o herói conquistou através da popularidade do cordel no Nordeste; na segunda seção, veremos um pouco sobre a vida e a obra de Bráulio Tavares. Por fim, na terceira, analisaremos a jornada do herói em *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*.

2 ONDE ESTÁ O HERÓI NA LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA (?)

Quando iniciamos as pesquisas e as leituras para desenvolver este trabalho, identificamos que a figura do herói é comum e está presente em todas as civilizações e culturas. E elas ficaram eternizadas através da literatura. Encontramos a figura do herói desde as narrativas bíblicas, nas histórias de Moisés, José do Egito e do próprio Cristo, passando pelas narrativas da mitologia grega como a figura de Hércules e Perseu, como ressalta (Campbell, 2007, p. 21). A figura do herói e da heroína é um tema recorrente no cordel embora que desta última encontremos falar menos, possivelmente, pelo contexto social da época, no qual a mulher, infelizmente, não tinha protagonismo. Tanto nos primeiros folhetos trazidos nas malas dos colonizadores quanto nos que aqui se adaptaram ou se (re)inventaram nas obras dos nossos “ditos” poetas de bancadas.

Uma das certezas que temos acerca do cordel brasileiro e de sua origem europeia é exatamente o termo literatura de cordel. Segundo Márcia Abreu (1999), a denominação de “cordel” se deu porque os folhetos eram apresentados ao público pendurados em cordéis, isto é, em cordas ou barbantes. No cordel português, era comum encontrar variados gêneros textuais, como os autos, notícias e novelas, escritas em versos ou prosas. Isso não é visto no cordel da região Nordeste do Brasil, no qual as histórias eram e são contadas, exclusivamente, em versos, seguindo as três regras básicas: métrica, rima e oração; em suas modalidades, como as quadras², inicialmente (Abreu, 1999, p. 83), depois as sextilhas³, septilhas⁴, obrigatoriamente, adquirindo assim uma uniformidade como diz a autora:

Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada. Pode-se acompanhar o processo da constituição desta forma literária examinando-se as sessões de cantoria e os folhetos publicados entre finais do século XIX e os últimos da década de 1920, período no qual se define as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma “canônica” (Abreu, 1999, p.73).

² Estrofes escrita com quatro versos

³ Estrofes escritas com seis versos

⁴ Estrofes escritas com sete versos.

Conhecendo essa característica do cordel brasileiro, ressaltamos que muitas foram as histórias que chegaram da cultura europeia para as terras brasileiras através do cordel português, entre elas a figura do herói é recorrente nas narrativas. Ou seja, a figura do herói sempre esteve presente em nosso cordel, participando de todo o processo de adaptação cultural até os dias atuais. É fascinante encontrarmos nos folhetos como o herói reage às adversidades, como a força que o move parece nos encorajar também a vencermos os nossos próprios desafios.

2.1 Está na mala dos colonizadores

Em meio às naus que vinham de Portugal, atravessando os mares calmos e violentos, vinham também a religião, a cultura europeia e a literatura de cordel para o Brasil. Entre as discussões referentes à chegada dessa literatura até aqui, Haurélio (2010) destaca que a literatura de cordel chegou junto aos colonizadores portugueses por volta do século XVIII. Dessa maneira, fica claro que os primeiros cordéis a circular, na Terra de Vera Cruz, foram de autoria portuguesa. Para Vianna (2014, p.20), “a literatura de cordel brasileira surgiu de maneira tardia, porque antes da vinda da corte Portuguesa, em 1808, era proibida a existência de prelos aqui no Brasil”.

Na mala dos colonizadores, vieram muitas histórias. Pensando nisso, veio-nos a curiosidade de descobrir quais foram elas. Abreu (1993, p. 64) apresenta uma lista com os cordéis trazidos ao Brasil, dentre eles Entremezes e Comédia, D. Ignez de Castro e alguns outros, não faltando a figura do herói e da heroína como, por exemplo, Roberto do Diabo, Carlos Magno, João de Calais, Imperatriz Porcina e a Donzela Teodora. Na coletânea de vários autores organizada pela jornalista e escritora Januária Cristina Alves, *Heróis e heroínas do Cordel*, encontramos a *História de Roberto do Diabo* e um breve comentário da organizadora sobre a narrativa. Ela ressalta que o personagem Roberto foi um dos piores tiranos e assassinos de todos os tempos. Contudo, após se arrepender e se converter ao Cristianismo tornou-se um virtuoso governante.

Essa novela, bastante conhecida aqui no Brasil e em Portugal, é editada e reeditada desde o século XVI. A tradição para o português data em 1733, e é dela que se conhece todas as reimpressões do folheto, até os dias atuais. Aqui no Brasil foi popularizada por Leandro Gomes de Barros, responsável também pelo sucesso da *História da donzela Teodora* (Alves, 2021.p 72).

A história de Roberto do Diabo, que passou a ser chamado Roberto de Deus devido à sua conversão e a sua nova vida de virtudes, vai dar origem a outro herói, e Leandro Gomes de Barros escreve também sobre este no folheto *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*. Essa narrativa fala do filho primogênito de Roberto, Ricardo da Normandia, que, realmente, existiu, sendo este o Imperador Francês Carlos Magno. “A partir da gesta de Carlos Magno, Leandro deu a lume *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros*, inaugurando, na Literatura de Cordel brasileira, o gênero épico” (Haurélio, 2010, p.31).

Por sua vez, A história do herói João de Calais foi cantada aos altos sons pela voz do poeta e violeiro pernambucano Severino Borges da Silva (Alves, 2021). Muitas pessoas ficaram encantadas ao ouvir a história de um homem instruído, justo e virtuoso que se aventurou para acabar com os piratas que faziam mal ao seu povo. Por consequência dessa aventura, ele encontra o seu grande amor. Sofre emboscadas e traições, porém ele sempre consegue escapar delas como consequência das boas ações que fez no passado, é a ideia de que o bem sempre vence o mal.

A história do navegador João de Calais e de sua amada Constança é uma história para ninguém botar defeito. É uma novela francesa de aventuras fantásticas que foi editada em Lisboa antes de 1783. É um dos contos europeus mais conhecidos aqui no Brasil (Alves, 2021, p.119).

Foi Severino Borges da Silva que escreveu a versão dessa história no cordel *O verdadeiro romance do herói João de Calais* de acordo com Alves (2021). O herói europeu entrou em nossa cultura e foi sendo conhecido Nordeste afora através dos poetas cordelistas que escreviam e vendiam seus folhetos. O mundo maravilhoso desses personagens despertou e desperta até hoje em nós uma atração.

(...) Esses heróis e heroínas, em suas aventuras e desventuras, nos lembram e asseguram que há saídas possíveis para os nossos incômodos dúvidas, e que, se somos todos heróis, talvez seja mais fácil cumprir a jornada acompanhados, compartilhando as dores e delícias do viver (Alves, 2021, p.10).

A *História da donzela Teodora* tem origem árabe e foi traduzida para o português provavelmente em 1735. Câmara Cascudo diz que a história dessa escrava donzela, bela e sábia, que venceu com sua inteligência e sagacidade os

sábios do rei, livrando o seu senhor da falência, além de o deixar apaixonado por ela, vem atravessando os tempos e encantando o povo de todo o Nordeste brasileiro. Tal encanto só foi possível ser apreciado pelo povo nordestino, naquela época, graças ao poeta Leandro Gomes de Barros que adaptou o folheto aqui no Brasil, fazendo-o popular. (Alves, 2021).

Mais uma vez, na *História da Imperatriz Porcina*, encontramos a figura da heroína que é ela mesma. Esse folheto foi redigido por Baltasar Dias, que viveu no tempo do reinado do Rei Dom Sebastião em Portugal. Originalmente foi um romance escrito em versos (Alves, 2021). Vejamos o título do cordel que hoje está em domínio público e resume a narrativa:

História da imperatriz Porcina, mulher do imperador Lodônio, de Roma, na qual se trata como esse imperador mandou matar a mulher por falso testemunho que lhe levantou o irmão e como esta escapou da morte e muitos trabalhos e torturas por que passou e como por sua bondade e muita honestidade tornou a recobrar seu estado, com mais honra do que antes.

Percebe-se, portanto, a figura do herói chegando na mala dos colonizadores para se adaptar aos gostos dos nossos leitores e principalmente à criatividade dos nossos poetas cordelistas, envolvendo-se em novas batalhas e novas conquistas. Vale salientar que os folhetos não eram destinados para um público especial, pois não existia cordel destinado para homem ou mulher, crianças ou jovens, mas essas aventuras e histórias fantásticas agradam o público em geral em qualquer época e fazem parte de todos os gêneros literários (Marinho; Pinheiro, 2012). Veremos adiante outros espaços que o herói alcançou com a literatura de cordel.

2.2 Está na apropriação cultural

No cordel brasileiro, esses personagens foram se adaptando e ganhando formas, traços e características semelhantes às do povo nordestino. Provavelmente, as pessoas do Nordeste se inspiraram nesses heróis como se, de alguma forma, eles as representassem na luta pela sobrevivência em tempos difíceis de muitas necessidades materiais. Até hoje escritores contemporâneos do cordel não deixam de escrever sobre o herói e a heroína, como o próprio Bráulio Tavares em seus cordéis e particularmente em *A pedra do Meio-Dia ou Artur e Isadora*, objetivo de nossa análise.

Ana Maria de Oliveira Galvão ressalta: “Não há entre os estudiosos um consenso quanto às origens dessa literatura no país e, particularmente, seu desenvolvimento no Nordeste brasileiro” (Galvão, 2010, p.28). Talvez não exista um consenso entre os estudiosos, mas essa afirmativa de Ana Maria pode ser comparada a de Márcia Abreu quando diz que “Não se sabe quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas seguramente Leandro Gomes de Barros foi responsável pelo início da publicação sistemática. (Abreu, 2006, p.91). Aderaldo Luciano se refere a Leandro quando escreve a seguinte afirmativa: “Não sabemos de folheto escrito por Leandro antes disso. Fica esta variação de data como o marco de lançamento da pedra fundadora do cordel no Brasil” (Luciano, 2012.p 78).

A data da qual o pesquisador fala está situada entre 1890 e 1895, pois um folheto mais antigo encontrado de Leandro Gomes de Barros, *A força do amor*, a história de Alonso e Marina, remete a essas datas a sua publicação. Fizemos uma pesquisa no Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, onde existem centenas de cordéis raros e encontramos essa obra de Leandro em edição completa e identificamos que a figura do herói também está presente nessa narrativa. Para o pesquisador, esse foi o primeiro folheto registrado de Leandro, não existe outro antes deste que possa ser comprovado. Mais à frente, na conclusão de sua pesquisa, Aderaldo ressalta: “Leandro Gomes de Barros é definitivamente o pai do cordel e seu maior escritor” (Luciano, 2012, p. 84).

Como vimos, muitas foram as histórias que chegaram da cultura europeia para as terras brasileiras através do cordel português narrando os feitos do herói. Possivelmente, porque ele representa a nós mesmos. Sua jornada é semelhante à nossa. Figuras como Dom Helder Câmara são tidas como herói no cordel *Dom Helder, o Profeta da Paz* (2010), do escritor Medeiros Braga⁵, que nos deixou recentemente. O arcebispo de Olinda se torna herói quando denuncia as injustiças sociais vigentes no seu tempo, quando luta em favor dos mais humildes e por direitos mais humanitários para todos.

A santa Dulce dos pobres ficou conhecida como irmã Dulce, o anjo bom da Bahia, por todo mundo, tendo em vista a sua canonização pela Igreja Católica. Ela também é representada como heroína no *Cordel da Irmã Dulce* (2008) escrito pelo poeta Antônio da Conceição Ribeiro. Em seu texto, ele verseja os feitos de heroísmo

⁵ Medeiros Braga faleceu no dia 3 de março de 2024.

que a irmã Dulce realizou em sua existência, arriscando a sua vida para cuidar dos pobres, vivendo em defesa dos humildes do seu tempo. Viveu, exclusivamente, para esta causa que ela mesma julgava necessária, semelhante ao que faz todo herói para Müller (2017).

Lampião foi um dos personagens que mais apareceu no cordel brasileiro, muitos poetas versejaram sobre seus feitos. Herói ou anti-herói, o fato é que Lampião passeou entre o céu e o inferno na poética dos nossos cordelistas. Acessamos novamente, no Acervo Digital da Casa de Rui Barbosa, algumas dessas obras e encontramos vários cordéis sobre Lampião, um deles foi: *O Barulho de Lampião no Inferno* (1973), por Rodolfo Coelho Cavalcante; *A Chegada de Lampião no Inferno* (1965), por João Martins de Ataíde; e *A Visita de Lampião a Juazeiro - História de três irmãs que queriam casar* (sem data), escrito por Antônio Ferreira da Cruz. Tais feitos atribuídos ao cangaceiro deixam parecendo que não foram ações virtuosas, comparado às ações de um herói para (Campbell, 2007).

Ele saqueava cidades, assassinava seus rivais e mesmo assim foi tido como um herói no cordel. O que em Lampião era heroico? Ele era valente, corajoso, bravo e destemido. No inconsciente coletivo do Nordeste, por muito tempo, tais características passaram a ser fundamentais para um homem nordestino. E aquele que não tivesse essas características era tido como um “frouxo”. Dessa forma, percebemos que o herói vai ganhando atributos específicos que representa um grupo social. Essa afirmativa pode ser comprovada pela autora ao afirmar:

A literatura de cordel torna-se a própria voz do povo nordestino, consistindo na palavra do sertanejo para transmitir seus anseios, suas revoltas e suas histórias. Na medida em que as informações sobre fatos se acumulam, provoca no ouvinte uma atitude de responsabilidade social, com a exposição de ideologias que brotam de um sentimento de pertencimento à cultura local. Daí advém a necessidade do sertanejo de eleger seus heróis, identificar-se com o valente, o corajoso. Assim quando o poeta verseja sobre o herói, há outras vozes que ressoam, que fazem eco com o verso do artista. Há um surgimento de uma figura sobrenatural, fixada na memória do povo (Machado, 2013, p.72).

Outra figura nordestina a quem foi atribuída a fama de herói foi o padre Cícero Romão, invocado pelos fiéis de sua época por “meu padim Ciço”. Existe folheto no Acervo Digital da Casa de Rui Barbosa que fala do encontro do padre com Lampião no Céu, intitulado de *O Encontro de Lampião com o Padre Ciçero no Céu* (sem

data), escrito por Minelvino Francisco Silva – essa obra justifica o que falamos acima.

No Nordeste dos misticismos e das pessoas de pouco conhecimento enciclopédico e científico, atribuíam ao sobrenatural aquilo que não conseguiam entender. Porém, entre tantos ocorridos que faziam a fama do padre se espelhar Nordeste a fora, um desses foi imprescindível. Um episódio miraculoso deu ao presbítero mais fama de santo. Um milagre ocorrido pela primeira vez em junho de 1890, em uma pequena capela de Nossa Senhora das Dores, padroeira da localidade. Durante a missa, uma beata cujo nome era Maria de Araújo, após receber a comunhão das mãos do sacerdote, cai nervosamente no chão e os que vão ajudá-la percebem que de sua boca saíam gotas de sangue. A comunhão havia se transformado em sangue rubro e palpitante. (Bergström, 2002). Sobre isso fala o autor:

O meio era o mais propício, certamente, e o herói, um predestinado. Mas faltava o prodígio que o revelasse e circunstâncias que o impusessem, a todos, crédulos e incrédulos. Depois disso, fácil seria tornar-se o sumo sacerdote e o desejado tirano, concentrando, nesse caráter bifronte, de taumaturgo e chefe civil, a autoridade sem contraste dos sertões do Nordeste. Vendo-o, assim, consagrado tanto pelos poderes do céu como pela vontade dos homens, seria natural que o habitante do sertão, sem cultura, sem amparo da justiça, muitas vezes sem pão, sem trabalho e sem guia, enxergasse nele o redentor, o conselheiro e o mestre (Bergström, 2002, p.69).

Dessa forma, percebemos, portanto, que esse herói nordestino tinha uma certa veneração pelo povo e a sua figura impressionava essas pessoas que viam nele um ser diferente dos demais homens.

2.3 Está na classificação temática

Alguns estudiosos tentaram organizar os folhetos por classificação temática. Uma dessas classificações é a de Cavalcanti Proença (1973), que organizou da seguinte forma: 1 Herói, humano, 1.1 herói solitário - 1.2 dupla ou casal heróico – 1.3 reportagem (crimes, desastres) 1.4 político - 2 Herói animal - 3 Herói sobrenatural - 4 Herói metamorfoseado - 5 Natureza -5.1 região - 5.2 fenômenos - 6 Religião - 7 Ética - 7.1 sátira social, humanismo - 7.2 sátira econômica - 7.3 exaltação - 7.4 moralizante - 8. Pelejas - 9. Ciclos - 9.1 Carlos Magno - 9.2 Antônio Silvino - 9.3

Padre Cícero- 9.4, Getúlio Vargas - 9.5 Lampião - 9.6 Bravatas - 9,7 Anti-heróis - 9.8 Boi e cavalo - 10 diversos - 10.1 lírico - 10.2 guerra - 10.3 crônica-descritiva. Manuel Diégues Júnior também fez a sua classificação, organizando-a assim: 1 Temas tradicionais, - a, novelas e romances - b, conto maravilhoso - c, histórias de animais - d, anti-herói: peripécias e diabruras - e, tradição religiosa. 2 Fatos acontecidos e circunstanciais - a, manifestação de ordem física - b, fatos de ordem social (festas, esportes) - c, cidade e vida urbana - d, crítica e sátira - e, elemento humano - 1. Getúlio Vargas - 2. Fanatismo e misticismo - 3. Cangaceiros - 4. Tipos étnicos e regionais - 3 Cantorias e pelejas.

Para concluir a tentativa de classificação dos cordéis, veremos a classificação feita por Ariano Suassuna: 1. Ciclo Heroico - 2. Ciclo Maravilhoso - 3. Ciclo Religioso - 4. Ciclo Cômico, satírico, picaresco - 5 Ciclo histórico e circunstancial - 6 Ciclo de amor e de fidelidade.

Essas tentativas de classificação são problemáticas, tendo em vista que, um folheto pode enquadrar-se em várias delas ao mesmo tempo. Por exemplo, em um cordel que tenha a temática do herói, não significa que não apareça outras temáticas na mesma narração, como os de feitos sobrenaturais e sociais. Em um cordel que fala da temática do Padre Cícero, certamente, também podem ser encontradas as temáticas de profecias, religião e milagre. Trouxemos essas classificações temáticas, exclusivamente, para mostrar que a figura do herói é recorrente em todas elas. Ou seja, em todas as tentativas de classificação, a figura do herói está presente. Para melhor visualizarmos essas classificações, organizamos desta forma:

Cavalcante Proença (Diégues Júnior, 1973, p.29)

1.	Herói humano	7.1	Sátira social, humanismo
1.1	Herói solitário	7.2	Sátira economia
1.2	Dupla ou casal heroico	7.3	Exaltação
1.3	Reportagem (crimes, desastres)	7.4	Moralizante
1.4	Político	8.	Pelejas
2.	Herói animal	9.	Ciclos
3.	Herói sobrenatural	9.1	Carlos Magno
4.	Herói metamorfoseado	9.2	Antônio Silvino
5.	Natureza	9.3	Padre Cícero
5.1	Região	9.4	Getúlio Vargas
5.2	Fenômenos	9.5	Lampião
6.	Religião	9.6	Bravatas
7.	Ética	9.7	Anti-heroicos

9.8 Boi e cavalo
 10. Diversos
 10.1 Lirico

10.2 Guerra
 10.3 Crônica-descrição.

Manuel Diégues Júnior (Diégues Júnior, 1973, p.29)

1 Temas tradicionais

a, novelas

b, contos

c, histórias de animais

d, anti-herói: peripécias e diabruras

e, tradição religiosa

2 Fatos acontecidos e
 circunstanciais

a, manifestação de ordem física

b, fatos de ordem social (festas,
 esportes)

c, cidade e vida urbana

d, crítica e sátira

e, elemento humano

— 1. Getúlio Vargas

— 2. Fanatismo e misticismo

— 3. Cangaceiros

— 4. Tipos étnicos e regionais
 Cantorias e Pelejas.

Ariano Suassuna (Diégues Júnior, 1973, p.28)

1. Ciclo heroico

2. Ciclo Maravilhoso

3. Ciclo Religioso

4. Ciclo Cômico, satírico, picaresco

5. Ciclo histórico e circunstancial

6. Ciclo de amor e fidelidade.

Sendo assim, observa-se que não é fácil apresentar uma classificação temática exclusiva para o cordel brasileiro, havendo sempre variações aceitáveis, mas o que não podemos negar é que a representação do herói (ou pelo menos do anti-herói) se faz presente em quaisquer tentativas de classificação até os dias atuais.

2.4 Está entre os populares

O cordel circulou nas feiras livres do Nordeste do Brasil e mesmo em uma época que pouquíssimas pessoas sabiam ler, essa literatura sempre teve uma boa aceitação popular. As poucas pessoas alfabetizadas liam para os que não sabiam ler.

O importante mesmo, para aquele período, era ouvir as histórias que encantavam os nordestinos. “À boca da noite”, sentados nas calçadas, sem outro meio de comunicação, tais como rádio e televisão, o cordel era o entretenimento dessa sociedade, como afirma Manoel Diégues Júnior:

A própria vida familiar no Nordeste contribuiu para o “serão”, a reunião noturna em família. Em torno de um candeeiro, depois do jantar, na sala de visitas - fosse um engenho, uma fazenda, um sítio não raro também uma casa de cidade - reunia-se os membros da família. A falta de eletricidade vazia do candeeiro o ponto de convergência dos familiares: pais, filhos, irmãos, primos, etc. E a leitura de novelas, de histórias, de poesia se tornava o motivo do encontro familiar. O alfabetizado da família era o leitor. E assim a história se divulgava (Júnior, 1973, p.15).

Assim, vemos o quanto o cordel fazia parte do dia a dia do nordestino. A venda de folhetos era uma tarefa comum para os poetas, eles mesmos imprimiam seus versos e vendiam. O ponto de vendas mais comum eram as feiras livres, nas quais o cordelista chamava a atenção dos que lá estavam ao declamar/cantar suas narrativas até prender a atenção do leitor. Quando isso acontecia, ele parava a história e dizia que, para conhecer o restante dela, era necessário que comprasse o seu folheto. Além de o poeta vender suas obras em espaço público desde o tempo de Leandro Gomes de Barros, o cordelista também tinha revendedores para os seus cordéis.

Atualmente, a internet, com o advento das redes sociais, passa a ser espaço para o poeta de bancada expor e vender suas obras. (Gracino, 2019, p. 58). Que as vendas foram popularizando as histórias dos cordelistas nordestinos é fato, assim como é fato a aproximação com a população nordestina que a figura do herói também atingiu.

Por fim, a venda do cordel, ou do folheto como fora chamado outrora, é uma tarefa que faz parte da história dessa nossa literatura. O folheteiro (o vendedor de folheto) sempre se aventurou no meio poético e pode também ser considerado um herói para a popularização do cordel brasileiro. É o vendedor (que quase sempre é o poeta, mas nem sempre) que transforma o herói do cordel em referência para o povo nordestino, gritando suas proezas, suas lutas, suas conquistas, pois, como nos adverte Machado (2013), o povo sertanejo, nordestino, sofrido, cansado, necessita se espelhar nesses sujeitos valentes, predestinados, vencedores para enfrentar os percalços cotidianos.

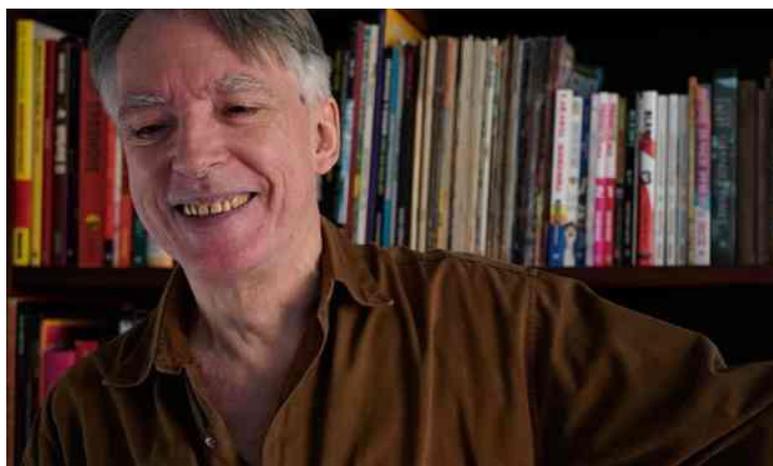
3 QUEM É O HERÓI NA PRODUÇÃO POÉTICA DE BRÁULIO TAVARES (?)

Agora pretendemos adentrar brevemente na vida e obra de Bráulio Tavares, para discutirmos sobre o motivo que o fez enveredar pela produção de cordéis, como também pesquisar as origens dessa literatura na região Nordeste do Brasil. Como vimos anteriormente, foi nessa região, através de poetas como “Silvino Pirauá, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Ataíde e Francisco das Chagas Batista” (Luciano, 2012, p. 84) que a literatura de cordel teve seu início.

3.1 Seria o poeta autor (?)

Bráulio Tavares é paraibano, nasceu em Campina Grande – PB, no ano de 1950. Sua cidade natal é conhecida por ser um centro tradicional de poetas populares. A cultura nordestina e a poesia popular são fortemente representadas pelos repentistas que improvisam seus versos ao som da viola e poetas cordelistas que, assim, como o próprio Bráulio, escrevem e publicam seus cordéis (Tavares, 2022, p. 80). A seguir uma foto recente de Bráulio Tavares.

Figura 1- Foto de Bráulio Tavares



Fonte: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/201ccomo-se-fosse-um-jogo-de-capoeira201d/braulio-tavares-foto-maria-flor-brazil.jpg, (2024).

Desde sua origem, o cordel foi classificado como poesia popular. No início, uma grande parcela de seus escritores eram homens simples da zona rural, agricultores e outros trabalhadores braçais. Por isso, foram considerados como poetas “matutos”, preconceituosamente, pela elite intelectualizada brasileira. Uma das razões

para isso pode ter sido a fala que não era a mesma entre eles, ou seja, o preconceito em relação à variação linguística. Sobretudo, pelos poetas pertecerem à região Nordeste do país, que recebeu infelizes estereótipos ao longo do tempo. Com essa visão, o cordel passou a ser marginalizado. Acerca disso, escreveu Aderaldo Luciano: “‘popular’ usado em sua forma mais grotesca e pejorativa, pois seus autores são considerados analfabetos ou semianalfabetos e sua ousadia em escrever transformase em crime” (Luciano 2012, p. 21). Dessa forma, a literatura de cordel ficou menosprezada até os dias de hoje.

Além de ser marginalizada, foi considerada inferior aos outros textos literários, os quais a elite brasileira nomeou como literatura canônica. Podemos observar a atitude de resistência que tiveram os poetas de bancada durante as últimas décadas do século XX até os dias atuais aqui no Brasil ao produzir e publicar seus cordéis. Atualmente, a formação escolar dos poetas é diferente da dos poetas do passado. O próprio Bráulio Tavares é um exemplo disso. Dessa maneira, os escritores que eram considerados “matutos” estão passando a serem intelectuais respeitados. Porém o preconceito com o cordel ainda continua.

A pedra do Meio-Dia ou Artur e Isadora foi o primeiro cordel escrito pelo autor. Na época em que escreveu, Bráulio tinha 25 anos de idade. O ambiente social em que ele cresceu, certamente, levou-o a se aproximar da poesia popular. (Tavares, 2022, p.80) O que acabou despertando nele uma curiosidade muito grande por esse universo de enredos fantásticos, cômicos, satíricos, religiosos e de grandes feitos realizados pelos heróis registrados em muitas estrofes de cordel.

Ademais, ele dedicou um tempo da sua vida pesquisando as origens da poesia popular no Nordeste. Como resultado desses estudos, produziu e publicou alguns livros, como: *Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil* (2005) e *Arte e ciência da cantoria de viola* (2016). Nas produções de cordel, além do que iremos trabalhar neste trabalho, ele produziu outros, como *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin* (2006) e *O Tesouro de Antonio Silvino* (2018).

Nesse cenário de resistência, o poeta corrobora para que o cordel não pare de ser produzido e essa produção conquiste o respeito dos leitores. Nessa jornada, Bráulio Tavares pode ser considerado ativista do cordel dizemos isso, porque ele colabora com a permanência dessa expressão literária, que enfrenta o preconceito imposto pela sociedade e pelas academias que ainda consideram com ressalvas o cordel como literatura de igual valor com a literatura canônica.

Para Muller (2017, p.9), o herói defende uma causa que nós também defendemos e é por isso que nos identificamos com ele. Assim, associamos essa afirmativa com a causa abraçada pelo autor de *Artur e Isadora ou A Pedra do Meio-Dia* que é contribuir pela permanência do cordel no cenário literário do nosso meio, seu pensamento é semelhante ao pensamento de tantos outros cordelistas, como o professor, escritor e pesquisador da literatura de cordel Marco Haurélio⁶, formado no curso de Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); o escritor, palestrante e historiador graduado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no Campus III, Varnecki Nascimento⁷; João Gomes de Sá⁸, formado em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

⁶ Informações obtidas em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/17/poeta-marcus-haurelio-fernandes-farias-sintese-biografica/>. Acesso em 12 nov. de 2024

⁷ Informações obtidas em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/04/poeta-varnecki-santos-do-nascimento-sintese-biografica/>. Acesso em: 12 nov. de 2024.

⁸ Informações obtidas em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/03/poeta-joao-gomes-de-sa-sintese-biografica/>. Acesso em 12 nov. de 2024.

4 A JORNADA DO HERÓI EM A PEDRA DO MEIO-DIA OU ARTUR E ISADORA

Com o objetivo de analisarmos o cordel de Bráulio Tavares, apresentaremos os 12 passos que o herói percorre em sua jornada segundo Campbell (2007). Para facilitar a sua compreensão, utilizamos a imagem a seguir como referência de apoio:

Figura 2- A mandala da jornada do herói



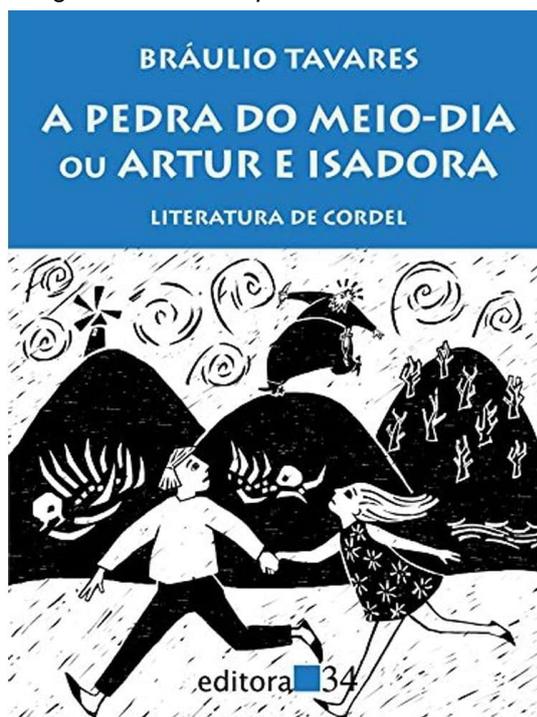
Arte: Paulo Gracino, (2024).

No primeiro passo da Jornada do herói, ele é apresentado em seu mundo comum, vivendo normalmente como qualquer outro ser humano. Depois, ele recebe o chamado que o leva a uma aventura, esse chamado ocorre de diferentes formas. Na bíblia, por exemplo, o chamado que levou Moisés a sair do seu mundo comum foi uma ordem do seu Deus. Podemos encontrar essa cena descrita no livro do Êxodo, onde está escrito: “Vem agora, pois, e eu te enviarei ao Farão para que tires o meu povo (os filhos de Israel) do Egito”. (Êxodo 3, 10). Já no chamado que levou o Bruce a se tornar o Batman foi o assassinato de seus pais, o qual ele presenciou.

A história básica de Batman pode ser assim resumida: aos 10 anos, Bruce foi ao cinema em companhia de seus pais. Quando procuravam um táxi para voltar para casa, foram abordados por ladrões. Bruce presenciou, nessa tentativa de assalto, o brutal assassinato de seu pai e sua mãe. Profundamente chocado, ele prometeu nunca esquecer esse evento e dedicar sua vida a fazer os criminosos pagarem por seus crimes. Bruce afastou-se de sua vida rotineira para se preparar física e mentalmente para sua tarefa (Oliveira, 2006, p.143).

Esses são alguns exemplos para percebermos que as causas do chamado podem ser diversas. O cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*, de Bráulio Tavares, lançado pela editora 34, em 2009, foi escrito em sextilhas (estrofes de seis versos), com a sequência de rimas ABCBDB, apenas rimam as palavras que terminam os versos em B. Ao todo, o cordel apresenta 158 estrofes. As xilogravuras são da ilustradora Cecília Esteves, veremos a seguir a imagem desse cordel.

Figura 3- Imagem do Cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*



Fonte: <https://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=92>, (2024).

4.1 O chamado tira o herói da vida comum

A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora narra a história de Isadora que sai a procura de um amuleto, a pedra do meio-dia, para findar um feitiço que atingiu o seu reino. Artur, um andarilho corajoso, disposto a resolver qualquer problema que

encontrasse, salva a moça do pulo da onça e junta-se a ela nessa nova missão.

Artur logo conheceu
que a moça estava em perigo,
puxou a espada e disse:
“Agora o caso é comigo:
sem eu salvar essa moça
o meu caminho não sigo”.

A onça saltou-lhe em cima
mas ele pulou de lado;
meteu a espada com gosto,
fez um estrago danado
e só do primeiro golpe
deixou o bicho estirado.⁹

Certamente existiu outro motivo que fez Artur decidir sair do seu mundo comum para viver mundo afora, querendo resolver os problemas que encontrasse pela frente. Porém, o texto não nos mostra o que foi. Mas a sua jornada com Isadora, começou quando ele viu que ela ia ser devorada por uma onça no meio do mato, ela estava sozinha nessa aventura até ele chegar e a salvar. O chamado de Artur, no cordel, foi salvar Isadora e saber o motivo dela estar sozinha em um lugar perigoso. Ela diz o que procura:

Estou tentando encontrar
a Pedra do Meio-dia;
essa onça me atacou
quando da mata eu saía
e se não fosse você
eu não sei o que faria.

O chamado que levou Isadora a sair do seu mundo comum e se arriscar por caminhos desconhecidos foi a pedra meio-dia e o encantamento causado por essa pedra ao seu reino. Especialmente, por causa do seu pai, que sob ordens reais foi tentar recuperar do gigante que guardava esse objeto e desde então não voltou para casa. Como vemos na fala da heroína:

⁹ As citações deste capítulo são do cordel A pedra do meio dia ou Artur e Isadora: TAVARES, Bráulio. **A pedra do meio dia ou Artur e Isadora**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

Meu pai partiu, já faz tempo,
ordenado pelo rei
para ver se conseguia
a pedra de que falei:
até hoje não voltou
e eu me desesperei.

“Fiquei sozinha no mundo
e resolvi viajar
procurando por meu pai
pra ver se o posso salvar,
porque no resto do reino
ninguém quis se arriscar.

Como vimos, o chamado que Isadora recebeu foi o de encontrar seu pai e a pedra do meio-dia, acabar com o feitiço que atingiu seu reino para que tudo pudesse voltar a ser como antes.

4.2 A recusa do chamado e o auxílio do mentor

O valente Artur, encantado com a coragem da donzela, decidiu acompanhar Isadora em sua causa. Aparentemente, não encontramos a recusa do chamado por eles. Tanto Artur quanto Isadora aceitam corajosamente sem duvidar do que julgam necessário fazer.

Artur muito admirou
a coragem da donzela;
olhou bem os olhos negros
e o jeito simples dela
e uma grande simpatia
começou a ter por ela.

Falou: “escute, Isadora,
você ganhou um amigo.
Vou lhe seguir nessa busca
e enfrentar qualquer perigo:
onde for o seu caminho
por aí eu também sigo”.

Após caminharem em direção ao seu destino, eles encontram um mentor. Sobre esse elemento, Campbell aponta o seguinte:

Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se (Campbell, 2007, p.39).

Encontramos, no cordel, algumas estrofes que vão de acordo com a afirmação supracitada de Campbell:

“Não posso dizer quem sou
mas venho lhes ajudar
e prevenir dos perigos
que vocês vão encontrar:
a Pedra do Meio-dia
vocês haverão de achar.

“Aqui no chão desta gruta
há uma marca traçada;
cavem no mesmo local
e encontrarão enterrada
uma sacola de couro
que eu aviso: é encantada.

“Somente em último caso
retirem de dentro dela
as coisas que lá estão:
há um ovo e uma vela
e uma flauta que é mágica
desde que alguém sopra nela.

Um amuleto dado pelo mentor é comum na jornada do herói e esse objeto possibilita que o herói consiga sair de situações que, aparentemente, parecem não ter saída.

4.3 Em direção ao desafio se deparam com as provações, inimigos e a ave aliada

Agora Artur e Isadora enfrentam os desafios e os perigos da sua missão, depois de alguns dias de viagem, precisam atravessar uma ponte estreita. Mas acham estranho não saírem do lugar por mais que andassem. Logo percebem que estão enfeitiçados.

Quanto mais eles andavam
menos saíam do canto

porque o chão dessa ponte
avançava o mesmo tanto;
e eles não prosseguiram
pela força desse encanto.

eles logo perceberam
que estavam enfeitiçados
e que por mais que andassem
ficavam sempre parados:
começaram a ficar
bastante preocupados.

O auxílio vem do “amuleto” dado pelo mentor, que no caso, é a sacola de couro que eles receberam.

Como não tinha outro jeito
sua sacola ele abriu,
tirou o ovo de dentro
e sem demora o partiu:
um ave pequenina
de dentro dele saiu.

Saiu e ficou voando
ora atrás, ora adiante,
e quanto mais revoava
por um fato interessante
ia ficando maior
até tornar-se gigante.

Pousou na frente dos jovens,
para os dois fez um sinal,
que subissem sobre ela
sem temer nada de mal;
e assim eles fizeram
do jeito mais natural.

A grande ave os tira do perigo, mas não para por aí, os perigos maiores ainda estão por vir. Se no início, Artur salvou Isadora da onça, ela agora irá salvá-lo de um encantamento. Pois no caminho passaram por um reino sobrenatural e Artur foi seduzido pela falsa beleza e riqueza daquele lugar e de uma bruxa disfarçada de princesa.

Disse Artur admirado:
“nunca vi tanta riqueza;
já andei muitos países

e agora tenho a surpresa
de encontrar neste deserto
palácio de tal beleza”.

nisso abriu-se essa cortina
e um vulto apareceu:
uma princesa tão linda
que Artur entonteceu,
ela sorriu para ele
e ele nem se mexeu.

Artur vê a princesa e fica enfeitiçado, vai atrás dela, sem perceber entra no palácio e deixa Isadora. Lá dentro, vê muita riqueza distribuída pelos cômodos e muitas pessoas em um grande banquete, essas trajavam roupas finas de veludo, usavam anéis e colares dos mais altos preços e levantaram as taças de vinho saudando a chegada da “princesa” e de Artur.

Sorriam bem animados
saudando Artur e a princesa,
pediram que ele sentasse
na cabeceira da mesa
e ele logo aceitou
com muita delicadeza.

Perto tocava uma orquestra
de sonoros violinos;
Artur provou belos pratos,
bebeu dos vinhos mais finos,
e a princesa o contemplava
com seus olhos cristalinos.

Tudo parecia bem para Artur, naquele momento, que Isadora até saiu da sua cabeça e ele se desligou da sua missão. Após ter jantado, retomou consciência da sua responsabilidade e o verdadeiro motivo de estar passando naquele lugar. Disse para a princesa Morte Rica que precisaria seguir sua viagem, ela não aceitou, mas fingiu concordar e pediu para que ele bebesse uma taça de vinho antes de ir embora. Ela havia colocado uma pedra mágica na bebida que fez Artur esquecer quem era e onde estava ao degustar daquele vinho.

Artur explicou: “eu devo
seguir a rota em que vinha

para cumprir a missão
com a companheira minha,
uma moça corajosa mas
que não pode ir sozinha”.

A princesa quando ouviu
ficou logo enciumada;
enquanto Artur não olhava,
numa ação dissimulada
botou num copo de vinho
uma pedrinha encarnada.

Veremos então que o herói é salvo pela heroína. Isadora ficou triste por ter visto Artur se encantar pela falsa riqueza da princesa e sua aparente beleza e ter entrado no castelo de bom grado, percebeu que ele podia ter ficado enfeitiçado. Em meio a tudo isso, Isadora suspeitava que tal fenômeno poderia ser um encantamento e que Artur corria perigo. Sendo assim, resolveu entrar para encontrar seu aliado e percebeu que toda aquela beleza era ilusória.

Alguma desconfiança
Isadora já sentia
de toda aquela riqueza
e uma coisa lhe dizia
que tudo aquilo era falso
ou então feitiçaria.

Olhando para o castelo,
seus jardins e suas hortas
Isadora reparou
que dentro de suas portas
todas as coisas de lá
pareciam estar mortas.

Graças a vela que tinha dentro da sacola de couro, que foi entregue a eles pelo mentor, ela enxerga que nada ali no castelo era bonito. A luz da vela desmascara o feitiço e Isadora fica assustada por ver tantas coisas horrendas, mas segue à procura de Artur.

Chegando na outra sala
onde Artur tinha jantado
ela viu a grande mesa
com ossos por todo lado
e em cada cadeira havia
um esqueleto sentado.

Finalmente ela chegou
na sala em que Artur estava
sentado numa banquetta
com um olhar de quem sonhava:
uma corrente de ferro
no seu pulso se amarrava.

Sentada bem junto dele
com a mão na sua mão
uma mulher muito alta
feia como assombração,
o rosto verde enrugado
e dentes de tubarão.

Quando a luz da vela mágica
em cima dos dois foi dando
a mulher deu um ganido
e caiu no chão rosnando,
de quatro pés arrastou-se
e de Artur foi se afastando.

Depois que a luz da vela que Isadora leva ilumina os lugares em que ela vai passando, o encanto vai sendo desmanchado e o reino da falsa princesa mostra-se muito feioso. Quando a bruxa percebe a luz, se desespera e sai de perto de Artur, que aos poucos recupera a memória graças a Isadora.

Artur sentiu que tornava
nesse momento preciso,
foi se mexendo com jeito
de quem recobra o juízo:
viu Isadora com a vela
e deu um fraco sorriso.

Ao olhar em seu redor
na luz da vela encantada
foi que ele viu de verdade
que na mansão assombrada
todo o ouro e a riqueza
eram ilusão, mais nada.

Ele disse a Isadora:
“Agora, tudo se explica:
eu fui hipnotizado
e a gente quase que fica
sob as garras dessa bruxa,
a Princesa Morte rica”.

Isadora consegue libertar Artur desse encanto graças à sacola dada pelo mentor, assim eles saem do reino da princesa Morte Rica e prosseguem na procura da pedra do meio-dia.

4.4 A última batalha

O herói e a heroína saem do reino da princesa Morte Rica. Isadora salva Artur e ambos se ajudam nessa aventura. Mas ainda falta encontrar o gigante que guarda a pedra do meio-dia. Vejamos como isso aconteceu e como se saíram os heróis.

Depois de um certo tempo
chegaram numa clareira,
nela havia muitos ossos
recobertos de poeira,
muitas pedras espalhadas
no sopé de uma ladeira.

De repente viram algo
lá da ladeira descendo:
era o vulto de um gigante
apavorante e horrendo
e caminhando rugia,
era um barulho tremendo.

Na sua testa uma coisa
brilhava e resplandecia
fazendo uma luz tão forte
que chega a vista doía:
a joia misteriosa,
a Pedra do Meio-dia.

O gigante significa a grande batalha e o caminho que os heróis percorrem encerra nele. Nesse momento, o herói está no ápice de sua jornada. O leitor espera que Artur consiga, junto A Isadora, vencer o seu inimigo.

Disse o gigante: “Menino,
não venha me provocar,
se eu me enraivecer
e resolver-me a brigar
dou-te um bofete tão grande
da tua cara virar”.

Disse Artur: “senhor gigante,

pra falar basta ter boca;
sua cabeça é tão grande
mas estou vendo que é oca.
Dizer ameaça a mim
é falar da banda mouca”.

A batalha começou e, como diz o nordestino, a pisa foi feia. O gigante se transforma a cada golpe em diferentes animais, contudo Artur encara peito a peito cada versão do seu inimigo.

O monstro virou-se em cobra,
saiu de dentro dos laços,
deslizou até o moço
distância de uns cinco passos;
Artur pegou-se com ela
e agarrou-a nos braços.

Pegou junto da cabeça
e lá na ponta do rabo
deu um nó com toda força
e exclamou: “ora diabo,
você vire em que virar
mas cedo ou tarde eu lhe acabo”.

Mesmo sendo forte e disposto, era muito desvantajoso para Artur brigar com um bicho diferente a cada instante, por isso ele acaba ferido e Isadora entra em cena, tocando a flauta que tirou da sacola de couro que foi entregue no início da jornada pelo mentor. Ao fazer isso, ela salva mais uma vez seu herói, livrando-o da morte e o encanto da pedra do meio-dia vai sendo quebrado.

Isadora no momento
em que o amigo caiu
percebeu a desvantagem
e sua sacola abriu
e uma flauta lá dentro
no mesmo instante ela viu.

Tirou a flauta depressa
e começou a soprar
pois compreendeu que ela
poderia lhe salvar;
no mesmo instante notou
alguma coisa mudar.

As estrofes acima comprovam que, mais uma vez, a heroína ajuda o seu herói a se salvar das mãos do gigante.

4.5 O herói coroado pela vitória

Depois que o herói enfrenta a batalha maior de sua missão, ele é coroado com a vitória e chega o momento de voltar para o mundo real. Omitimos até aqui, propositalmente, o desfecho de *Artur e Isadora ou A pedra do meio-dia* para que a leitura do cordel termine mais ainda em clima de festa. Enquanto trilharam juntos o caminho, Artur e Isadora se apaixonaram um pelo outro, evidenciando que o herói é o senhor de dois mundos (Campbell, 2007).

A cor das pedras em volta
foi ficando diferente,
cada rocha parecia
transformar-se lentamente
perdendo o jeito de pedras,
ganhando forma de gente.

Então ela viu um velho
e parou na mesma hora,
os dois se reconheceram
ali mesmo sem demora;
ela murmurou: “Papai!”,
ele gritou: “Isadora!”.

Correram um para o outro
e deram um grande abraço,
Isadora vendo o pai
consolou-se do cansaço
e sentiu que da viagem
já dera o último passo.

Isadora conseguiu ver o seu pai a salvo e os dois se abraçaram novamente. A missão parece ter sido cumprida com sucesso. Nesse momento da jornada, o leitor se pergunta: O que será que Artur fará agora? Qual é o próximo lugar para o qual ele partirá? Aliás, cadê ele?

Depois dos dois se abraçarem
num aperto comovido
foram socorrer Artur
que ainda estava caído

tratando as suas feridas;
disse o velho, comovido.

“Eu esperava vocês
para virem me salvar,
todos os que estão aqui
ficaram neste lugar
ao perseguir o gigante
sem conseguir triunfar.

“Mas houve uma fada amiga
que muito me auxiliou:
ela lhes deu a sacola
e assim os ajudou
para poderem chegar
no lugar onde eu estou.

Apenas ressaltamos, mais uma vez, que, nas variáveis narrativas em que existe a figura do herói, esse tem o auxílio de um ser superior, que o protege e o acompanha no caminho. A figura protetora é uma espécie de anjo da guarda, encontrada em muitas narrativas como diz o autor:

A anciã solícita e fada-madrinha é um traço familiar das lendas e dos contos de fadas europeus; nas lendas dos santos cristãos, o papel costuma ser desempenhado pela Virgem, que, pela sua intercessão, pode obter a misericórdia do Pai. A Mulher-Aranha, com sua rede, pode controlar os movimentos do Sol. O herói que estiver sob a proteção da Mãe Cósmica nada sofrerá (Campbell, p. 40).

Chegamos, por fim, à grande coroação dos nossos heróis, nesse momento a jornada foi concluída e eles retornaram para casa. Como observamos, o clima de festa é maior, porque Artur se casa com Isadora e ambos se tornam literalmente um casal heroico, como verseja o poeta:

Bem, leitor, vou encerrar
resumindo o sucedido:
Artur casou com Isadora,
uniu quem já era unido.
libertaram o reinado,
indo morar ao seu lado
o velho pai tão querido.

Talvez a história prossiga
após o tempo passar:
viver parado num canto
Artur não vai aceitar.

Retomará seu roteiro
esse par aventureiro
sempre que a sorte mandar.

Dessa maneira, comprovamos, com base nessa breve análise literária, que estão presentes nesse cordel os mesmos passos que todo protagonista trilha para se tornar um herói segundo Campbell (2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos mostrar brevemente como a figura do herói e da heroína estão presentes até os dias atuais no cordel, desde aqueles que vieram na mala dos colonizadores aos que aqui no Nordeste foram criados. Percebemos que esse(a) personagem é uma figura que nos causa admiração e muitas vezes serviu de inspiração para aqueles que liam ou ouviam seus feitos. Talvez, por isso, ele tenha ganhado muito destaque, não somente no cordel, mas em todas as narrativas, nas quais ele(a) está presente.

Ademais, pudemos perceber que o cordel, sobretudo, o cordel brasileiro se tornou marginalizado pela elite intelectualizada do Brasil, como nos mostrou Luciano (2012). Muito dessa marginalização, como vimos, aconteceu pelo fato de que uma parcela dos seus primeiros escritores além de não terem acesso aos estudos e aos conhecimentos da escola, pertenciam ao Nordeste, falavam e escreviam diferente da elite intelectualizada da época. Atualmente, muitos cordelistas passaram pelas academias e estudaram nas universidades, mesmo assim, esse estigma continua .

Ressaltamos também que Bráulio Tavares defende uma causa e esta causa é o cordel. Através de suas obras literárias, ele contribui para a permanência e a continuidade dessa literatura, que vem ganhando espaço nas escolas e em algumas poucas academias a passos lentos, mas que não pode parar. Porém, o nosso objetivo foi tentar comprovar como A Jornada do herói de Joseph Campbell está presente no cordel *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora* de Bráulio Tavares. Os passos que um personagem trilha para se tornar herói segundo Campbell (2007) é muito semelhante com a nossa vida se pararmos para pensar. Afinal, os ensinamentos de Müller (2017) em seu livro *O herói A verdadeira jornada do herói e o caminho da individuação*, logo no primeiro capítulo afirma que todos somos chamados a se tornar heróis.

Por fim, esperamos que este breve trabalho possa ser útil para outras pessoas que, assim como nós, tenham interesse, pelo cordel e pelo herói presente nessa literatura. Finalizamos com as palavras escritas pelo saudoso professor Luís Müller, in memoriam, “todos nascemos para ser herói” Müller (2017, p.7).

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cordel Português / Folhetos Nordestinos**: Confrontos — um estudo histórico-comparativo. 1993. 294 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) Universidade Estadual de Campinas.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leituras do Brasil, 1999.

ALVES, Januária Cristina. **Herói e heroínas do cordel**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

BRAGA, Medeiros. **Dom Hélder, o profeta da paz**. João Pessoa: s.r., 2010.

BERGSTRÖM, Manoel. **Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927) / Manoel Bergström Lourenço Filho – 4. ed. aum. – Brasília: MEC/Inep, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel** (Tentativa de Classificação e Interpretação dos Temas Usados Pelos Poetas Populares). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 4. Ed. Rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)**. 2000. 543 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GRACINO, Paulo. **Folhetarias, poetas resistentes e cordel biográfico**. 2019. 141 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. 2 ed. São Paulo: Claridade, 2016.

KOTHE, Flávio R. **O HERÓI**. 2 ed. Editora Ática. 1987.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma História crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições Adaga; São Paulo: Ed. Luzeiro, 2012.

MACHADO, Daniela Lúcia Cavalcante. **Literatura de Cordel e a construção subjetiva do herói**. Fortaleza: UNIFOR, 2013.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MÜLLER, Lutz. **O Herói: a Verdadeira Jornada do Herói e o Caminho da Individuação**. Tradução de Erlon José Paschoal. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2017 (Biblioteca de psicologia e mito).

OLIVEIRA, Luísa de. **A Jornada do Herói na Trajetória do Batman**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Núcleo de Estudos Junguianos, 2006.

RIBEIRO, Antônio da Conceição. **Cordel da irmã Dulce**, [S.l.: s.n.], 2008.

TAVARES, Braulio. **A pedra do meio dia ou Artur e Isadora**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.